

educação

FORA DA CATEDRA

ESCOLA NOVA

Pelo Dr. DELFIM SANTOS

Pala-se hoje muito de escola nova. Há, sem dúvida, teoriticamente, uma escola nova que, também entre nós, começa germinando em realidades. Embora a chamada escola nova não seja tão nova como parece, o que é, novo, de facto, é o interesse de realização de certos aspectos que, muitas vezes, no decurso da História, foram opostos à chamada escola tradicional. Mas a escola tradicional nos vários momentos em que a designação a pretende atingir, é, por sua vez, apenas o aspecto mecanicista daquilo que, no seu tempo, valeu também como escola nova.

No entanto, a sistematização das tendências que caracterizam hoje a escola nova, dá relevo e novo sentido ao que até há pouco tinha surgido dispersamente como intuição de alguns pedagogos. Foi com o estudo da psicologia infantil, e com a sua aplicação à educação, que se desenvolveram sistematicamente as ideias relativas ao fenómeno da aprendizagem, vindo a constituir uma série de investigações da maior importância para o conhecimento da fase escolar, e que pode englobar-se sob a rubrica de psicologia educacional.

As ideias que dominam hoje a pedagogia, que a psicologia educacional orienta, podem ser sucintamente assim caracterizadas: a infância não é apenas uma situação transitiva para o estado adulto. A infância constitui um mundo para si que lhe se deve respirar, embora isso lhe seja por vezes muito difícil. Este mundo em que a criança vive tem as suas leis, os seus valores, e goza de independência relativamente ao mundo dos adultos. Repetindo uma frase muitas vezes citada: a criança não é um adulto em miniatura, e só a criança que viveu livremente, como criança, se poderá tornar verdadeiramente adulto.

Neste mundo infantil, cioso de independência e pouco disposto à intervenção do adulto, a criança pensa e age. Mas a sua lógica é diferente da lógica do adulto e os motivos da sua acção, quando imitem a actividade do adulto, têm sempre outras finalidades. É um mundo fechado e que se basta a si próprio. Nele só a criança sabe e pode viver. Isto é, a criança, tem uma concepção do mundo autónoma, típica e própria, elaborada com materiais, por vezes, sem sentido para o adulto.

Os motivos que nesse mundo a movem e comovem são chamados interesses e não são tão fugazes como pareciam, mantendo mesmo uma persistência digna de nota. Estes interesses são de varia ordem e é em função deles que o adulto, quando esse sabe compreender, poderá orientar a criança e penetrar no seu mundo para insensivelmente a levar à realização de tarefas que exijam esforço. A escola, por seu turno, tendo por missão o enriquecimento da personalidade infantil, deverá conhecê-los para os desenvolver ou cuidadosamente os contrariar.

Mas a criança exige ainda que respirem a liberdade, que ela quer gozar, sem prisão, no seu mundo livremente criado. Qualquer intervenção do adulto para a limitar é por ela sentida como atentado, de importância, que ela sofre com revolta e lhe dá o sentimento de ser incompreendida nos seus propósitos. Isto pode ter consequências de certa gravidade no temperamento da criança, como seja a instabilidade humoral, a irritação nervosa, e a inquietude psíquica com o desejo de fuga das situações que lhe não são agradáveis.

A criança precisa ainda de se sentir ocupada, de se sentir construtora e obraira do seu mundo. A maior parte dos casos difíceis no desenvolvimento psicológico da criança provém, segundo Froebel, de a criança se sentir um operário sem trabalho. É preciso, portanto, deixar que ela

se ocupe livremente, cabendo à escola a orientação da sua actividade, tanto quanto possível em relação ao seu futuro profissional. A manifestação das suas tendências faz-se relativamente cedo e a escola não pode desconhecê-las.

O melhor meio para isso, de que a escola dispõe, é o jogo, e a melhor satisfação que a criança pode ter no seu intento de ocupação é a chamada actividade lúdica. É no jogo e pelo jogo que os interesses de convivência se desenvolvem.

Em função da actividade lúdica devem ser também despertados os interesses de conhecimento das coisas que rodeiam a criança. O lúdico é o mais potente motor de compreensão e convivência que anima à criança, e mesmo o adulto.

És algumas das principais ideias da pedagogia nova e que animam os pedagogos a realizar uma escola da criança para a criança. O mestre deixou de ter a importância de quem, independentemente, governa: não é mais do que ensina, mas um auxiliar da aprendizagem. Daqui resulta a principal exigência da escola nova: não destruir o mundo infantil mas desenvolvê-lo e torná-lo tão vasto, como os seus limites toquem os limites do mundo adulto com o qual, mais tarde, terá de coincidir sem ruptura, brusca e dolorosa, como sempre fatalmente sucedia com a velha escola. Só nesse mundo a criança se sentirá feliz e livre para se tornar um adulto sem ressentimentos, e bem orientado para a sua vida profissional.

O CENSINO DA LITERATURA

De RUI DE MACEDO

Segundo os ensaios do século XVIII, que então marcaram as directrices da educação estética, a arte — salvo raras excepções — era considerada como jornada preparatória, de certo modo complementar do conhecimento, e tinha por missão despertar sentimentos morais.

Depois da onda gelada do positivismo arrefeceram os ardores dos filósofos, e a arte deixou de ser definida em função deste ou daquele sistema metafísico para se constituir fenómeno de características próprias, universalmente humano, que como tal devia ser explicado.

Ora, qualquer obra nos fornece pela observação e análise um feixe de regras e de processos, mais ou menos ricos e variados, de que o artista se serviu para atingir o seu fim. Sob o aspecto literário, a análise e o registo desses processos, situados no espaço e no tempo, constituem a missão da crítica literária, que selecciona e valoriza a obra.

A obra literária terá tanto mais valor quanto mais larga e profunda se revelar a compreensão do artista perante a vida.

O artista, integrado no grupo social, observa atentamente os seus semelhantes, examina com acuidade os seus movimentos, deixando-se guiar pela sensibilidade, ávida de emoções, e pela inteligência, empenhada em compreender, orientada umas e outra por superior capacidade de crítica.

Para ele não há preconceitos nem cadeias que lhe estorvem a acção; acolhe-se com aflicção no antro repente do mendigo, sentindo a tortura da fome e os martírios de vida errante; invade os palácios dos ricos, acomodando-se ao luxo e à grandiosidade, tornando-se confiante de escândalos e dramas íntimos; luta com guer-

DAS SETE ARTES

OS LIVROS DIDACTICOS E DE LITERATURA INFANTIL

Pelo Dr. MÁRIO GONÇALVES VIANA

A simplicidade de linguagem e a clareza na exposição das ideias, são qualidades essenciais a qualquer livro destinado às crianças. Os autores que têm a preocupação de fazer estilo, que empregam palavras difíceis, que usam largos circunlóquios ou imagens, estão, naturalmente, contraindicados para as crianças, por muito sábios e afamados que sejam.

E não é apenas a linguagem que convém atender; os próprios assuntos devem ser acessíveis à idade mental e à cultura das respectivas crianças. Mesmo que o livro seja de uma simplicidade e de uma linguagem admiráveis, se os temas forem transcendentes ou eruditos (superiores ao nível médio das possibilidades intelectuais infantis) os pequenos leitores não compreenderão o que, nem a nada há por do que ler e não compreender.

Não é apenas o tédio e a aversão que, dada esta hipótese, resultam da leitura e do estudo. Há mais e pior do que isso: toda a obra que não expõe com clareza e obra que não instrui, não interessa, nem edifica. A simplicidade constitui o melhor veículo para a aprendizagem de qualquer matéria. O objectivo fundamental da aprendizagem consiste, precisamente, na aquisição de ideias claras. Ora, na realidade, não é possível conseguir ideias claras através de uma linguagem prolixa, confusa e empolada. Pode essa linguagem ser muito artística e brilhante; mas não será, pedagogicamente, recomendável.

É este um dos defeitos mais comuns que se verifica nas obras de literatura infantil. São numerosos os autores que se esquecem, sistemática-

mente, estarem escrevendo para crianças, de nível mental atrasado, de léxico reduzido e de experiência ainda insuficiente. Semelhante facto tem, como consequência, fazer com que tais livros, da chamada literatura infantil, apenas o sejam no nome.

Compreende-se, todavia, o deslize. Embora pareça estranho a experiência demonstra que é mais difícil escrever com simplicidade do que com opulência e brilho. Já o escritor ultra-romântico, Manuel Pinheiro Chagas, registava, de facto, no século passado, efectivamente, a consciência e a naturalidade, em obras de arte não se alcançam sem esforço. O que se alcança sem esforço é a prolixidade e a pose. Ao correr da pena o que acode são as frases feitas, os períodos redondos, mas a naturalidade encantadora e sem defeitos, esta só a consegue o génio e a reflexões.

Se isto é uma verdade em relação aos livros para adultos, muito mais é no que se refere a livros destinados à infância. Uma página de qualquer obra didáctica deve custar mais esforço e mais tempo do que vinte páginas recheadas de boa literatura. Os livros para crianças não podem ser elaborados por escritores torrenciais: têm de ser meditados longamente.

O autor — no entusiasmo e na febre da produzir — naturalmente, arrastado a bulir a frase, a recorrer as memórias e a fazer citações mais ou menos eruditas. O indivíduo que não sabe bulir a sua imaginação, nunca será um bom escritor didáctico ou de literatura infantil. Ao desejo de realizar obra de arte, um escritor a imperiosa necessidade de fazer compreender e de tornar acessíveis as ideias, demonstrações e factos que pretende explicar. Terá, portanto, de combater, a cada linha que escreve, a frase comum, a expressão extemporânea de cultura, a referência — não que automática e intuitiva — a conhecimentos adquiridos, que fazem parte do património espiritual da humanidade, mas que, para a criança são coisas desconhecidas.

O esforço do autor didáctico não pode, todavia, ficar por aqui: não pode limitar-se à simplicidade do estilo. Terá, igualmente, de ser simples nos sentimentos, de natural, de raro nas pessoas que conseguem compreender-se e de ligar-se, quando escrevem, das suas fraquezas, das suas forças, dos seus preconceitos, das suas dúvidas. Ao escreverem, saltam-lhes a pena — sem darem por isso — uma expressão, um período, uma frase de onde ressumira uma ironia, um sarcasmo cruel, um termo irreverente ou de duplo sentido. Algumas vezes as palavras são correctas, mas, nas entrelinhas, sente-se o advinha-se um ar descrente e malicioso, céptico e desconfiado, que prejudica, irremediavelmente, qualquer obra desta categoria, porque a torna venenosa, apesar de toda a sua aparente bonomia e inocência.

Tedro Braga, referindo-se à elaboração das obras didácticas e de literatura infantil, declarava, com bom critério, que para pôr a mão sobre este problema pedagógico é preciso um grande pouco de alma.

Essa alma, na verdade, é uma qualidade exigível a quem se abalança a este difícil género, e que pretende instruir, educar ou divertir a criança por intermédio do livro.

Sabe-se que, em geral, o livro exerce uma profunda influência sobre as almas. Causa-se a influência que exercerão os livros destinados a satisfazerem as primeiras necessidades e estuantes curiosidades infantis!

meio de penetrar a obra literária — mas especialmente pela análise estética — que a explica em função do homem — servir de processo de educação estética, ou melhor, de meio de educação literária.

É a verdade: a educação artística é a que transporta a alma do leitor à alma do próprio artista, estabelecendo entre ambos comunhão perfeita.

E neste ponto cabe a alusão aos estudantes que julgando saber li-

COLONA DÓRICA

Inseria esta página em 15 de este mês um curioso artigo de Alvaro Ribeiro intitulado «Questões de ensino».

Criticam-se opiniões correntes, muito da moda, que são postas nas suas justas proporções, com argumentos bem fundamentados e uma elevação que tornam a matéria do artigo digna do maior interesse. Exponem-se, em contra-partida, outras que devem ser meditadas.

Diz, por exemplo, que a admitir graus no ensino estes só deveriam ser: técnico, científico e filosófico.

Toca o problema do aprendizado profissional e previne-nos contra o exagero da tendência técnica no ensino, lembrando-nos que há necessidade de atingir e de considerar a especulação filosófica como último estágio, sem a qual a técnica e até a ciência não conseguem resultar plenamente.

Recordamos, a propósito, a seguinte frase do autor: «Elo se aperfeiçoa a técnica? Pelo desenvolvimento do que lhe seja superior».

Discorda do facto de se escolher «a idade de dez anos para uma modificação brusca de ensino e de ambiente escolar».

Insurge-se contra a intromissão da escola primária no que é da competência da secundária; contra o ensino pluriverso ministrado nesta última por muitos professores especializados, quando lhe parece que a acção educativa só poderia ser exercida eficazmente por um ou dois professores em cada turma.

A situação dos rapazes de «curriculum incompleto» merece-lhe observações acertadas.

Parece-nos que o problema é de considerar, por sérias razões de ordem social, e fora de uma rigididade quantas vezes anti-progressiva.

A escolha profissional, tem entre nós carácter tão de acaso que sistemas de transições de curso e de exercício profissional rígidos, criam situações, individuais, desapercebidas com grave repercussão social, que dentro de um espírito mais aberto e dotado de maleabilidade se poderiam certamente sanar, atendendo a que educação e competência, não sendo incompatíveis com os certificados académicos, também podem existir fora deles, e constituir a razão de ser da própria organização escolar.

Se a finalidade foi conseguida, deve a organização escolar e profissional ser suficientemente permeável para aproveitar esses auto-didactas, cujo valor é geralmente superior-normai.

Quer dizer, o diploma deve ser quando muito uma das formas de demonstração da educação e competência ou aptidões exigíveis. Uma (e há muitas) que não a única.

Gostosamente abrimos estas colunas a quem pretenda pronunciarse acerca da doutrina expressa no citado artigo ou noutros aqui publicados. Move-nos o desejo ardente de acertar.

E para isso confiamos no concurso das nossas entendidas e de boa vontade.

C. L.

literatura, por gravarem na memória o conteúdo dos compendios, resumos, etc., etc., dispensam com presunção toda a leitura e análise das obras, e a orientação pedagógica do professor.

GUARDA-LIVROS

Com horas disponíveis, monta, segue e fecha qualquer escrita. Dá referências. R. S. Paulo, 114, 2.º